

APRESENTAÇÃO

Maria Carmencita Job

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil.
mariacfelicidade@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9850-6338>

Margret Jaeger

European Association of Social Anthropologists
Vienna, Austria
margretjaeger@yahoo.com
<https://orcid.org/0000-0003-0990-8181>

Eréndira Martínez Almonte

Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social – CdMx
Cidade do México, México
erendira.tecpan@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9182-4096>

Este dossiê intitulado *Antropologia para além da academia: pesquisas aplicadas, metodologias criativas e desenvolvimento profissional*, tem o objetivo de apresentar novas cadeiras, formatos e arranjos criativos que movimentam a antropologia no século 21. A capa desta edição foi desenvolvida em forma de colagem remetendo todas estas nuances que aportam estes novos ritmos, volumes, frequências e costuras entre a antropologia realizada na academia e para além dela. Quem assina esta linguagem e composição gráfica é a pesquisadora e designer de produto Rosa Clariá Job direto do clima quente de verão da cidade de Londres.

Não poderíamos deixar de explicar, que esta *proposta* nasce do aceite e visão de futuro da antropóloga de grande lastro e envergadura na antropologia urbana e visual brasileira. Uma antropóloga que além de fortalecer o valor de uma universidade pública, nos possibilita, com este dossiê, a repensar a antropologia realizada no século 21, que se configura por múltiplas formatos, além da academia, e tendo a sua atual importância chancelada como discussão dentro de uma revista acadêmica de nível A2, como a Revista Iluminuras, localizada dentro do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Esta proposta não é só precursora como difusão científica, mas também, transborda e amplia as possibilidades do fazer-antropológico na atualidade, que mescla territórios e que se configuram por novos campos de atuação do ofício do antropólogo/a, deixando um legado atualizado para atual geração de pesquisadores das ciências sociais.

Cornelia Eckert é a pesquisadora doutora e antropóloga responsável por acolher este tema como editora-chefe da Revista Iluminuras, que desde os anos 1980 constrói inovação dentro do campo da antropologia brasileira, e a partir da UFRGS, como coordenadora dos núcleos NAVISUAL nos últimos 30 anos e passando o bastão para a antropóloga Fabiene Gama, nos últimos dois anos. Professora Cornelia, também atua em uma condução primorosa até os dias atuais junto do Núcleo de Pesquisa BIEV - Banco de Imagem e Efeitos Visuais, somando uma parceria criativa e inovadora, com a professora Ana Luiza Carvalho da Rocha. O trabalho antropológico realizado no BIEV desde a década de 80 é pioneiro na interação entre a academia e a sociedade civil, promovendo a transmissão de conhecimento científico no formato visual, impresso e digital, no qual, se configura pela distribuição multimeios do site do projeto, que apresenta trilhas antropológicas através de filmes etnográficos, coleções visuais e livros

de grande expressão para antropologia urbana brasileira e realizada a partir do sul do Brasil, dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Além desta intensa mobilização dentro da UFRGS, Cornelia em sua atuação como vice-presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), entre os anos 2021 e 2022, trouxe como uma de suas propostas a investigação sobre novas possibilidades de atuação profissional do/a pesquisador/a da área de antropologia, na e além da academia.

É neste processo entre territórios transdisciplinares, instituições de peso, e o sim, da professora Cornelia Eckert, que nasce o aceite deste dossiê. Já que a antropologia, como ciência, se configura de forma clássica por bordas muito bem fixadas na academia, e poder, neste momento, criar esta discussão inicial, dentro da Revista Iluminuras, na UFRGS, além de ser um momento privilegiado para a história da transmissão do conhecimento antropológico paradigmático, promove também a antropologia como área de grande envergadura na atualidade.

Neste sentido, reitero o meu agradecimento a professora Cornelia Eckert pelo aceite da proposta na Revista Iluminuras, que se estende, também, as antropólogas parceiras e editoras deste dossiê, Margret Jaeger, da Áustria, e a Eréndira Martinez Almonte, do México. Elas não só aceitaram construir este projeto de difusão da antropologia para além da academia em três línguas, como, também, em fusos distintos, deixando claro os seus desejos por atualizar o valor antropológico a partir de novas apostas e cadeiras profissionais dentro da área. Colocando a atuação da antropologia em um sentido mais amplo e expandido, e ajudando tantas outras áreas a pensar os indivíduos e suas comunidades dentro de seus contextos, valorizando culturas locais e suas expressões e identidades como potência influenciadora em um mundo cada vez mais diverso e complexo.

Maria Carmencita Job

Cartas cruzadas entre três países e o encontro da antropologia para além da academia

CARTA 1. _____

De Porto Alegre, Brasil.



Para as pesquisadoras com coragem de persistir

Escrevo do alto de um prédio no 12* andar, em frente ao Colégio Júlio de Castilhos, chamado carinhosamente pelos portoalegrenses de *Julinho*, por alunos *insiders* que viveram o colegial nos anos 60 e 70 na cidade de Porto Alegre, Sul do Brasil. Trago esta cena para uma manhã ensolarada de inverno, quando olho pela janela e penso nos inúmeros antropólogos/as que fizeram as suas formações em antropologia social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que estudaram neste colégio que está em frente a minha janela. Um colégio que é referência em educação pública na capital gaúcha, e que possibilitou a tantos estudantes secundaristas uma visão crítica e política da história realizada no Brasil. Já que o Julinho é especializado em formar alunos do ensino médio, em idades entre os 15 a 17 anos, momento de uma juventude sagaz por entender a diferença. Não sendo coincidência este o objeto de estudo da antropologia: o estudo das relações de diferença. E é por meio do estudo da diferença que procuro com este dossiê, junto de outras duas parceiras, Margret Jaeger, da Áustria,

e a Eréndira Martinez Almonte, do México, entender o olhar da antropologia para além da academia. E, com isso, reconhecer novas possibilidades de cadeiras para antropólogos/as do século 21, no qual ele/a possa escrever outros percursos profissionais para além da docência e pesquisa na universidade.

Neste momento, estou finalizando o doutorado em antropologia social, na distinta Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com nota 7 da Capes (a nota de excelência) e sei que este é um caminho desejado por muitas outras mulheres como eu, e de onde eu venho, já que minha carreira como pesquisadora começou antes de eu estudar antropologia na academia. Ele se inicia no mercado de trabalho, junto da possibilidade de estudar pessoas e suas histórias para grandes marcas do mercado, sob a lente do consumo.

Foi a partir do estudo da identidade e do consumo, somado as referências de uma antropologia realizada no sul do Brasil, e sobretudo, pela linha da antropologia urbana, capitaneados por Cornelia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Carmen Rial que começo minha trajetória na antropologia, sem antes mesmo ser uma aluna matriculada na universidade no curso de antropologia social. E foram estas antropólogas e suas vertentes enraizadas por outros antropólogos da cidade, como Ruben Oliven (UFRGS) e Gilberto Velho (UFRJ), que me construíram como pesquisadora, nas aulas especiais, dentro das universidades localizadas nas cidades de Florianópolis (UFSC) e Porto Alegre (UFRGS) a partir de aulas, laboratórios, oficinas, que me ajudaram a entender a como ler artigos acadêmicos e livros sobre epistemologias e etnografias, somadas as imagens e filmes etnográficos.

A partir desta configuração, da antropologia urbana e visual, somado a minha própria trajetória de trabalho profissional no mercado, que me colocou para pensar em uma antropologia para além da academia, construindo desenhos metodológicos cruzados pela experimentação da antropologia, somadas as áreas da moda, artes, cinema, semiótica e psicanálise, que pude entender o que estava acontecendo em outros territórios e apostar na integração de disciplinas. E foi a partir desta perspectiva de fusão que encontrei outros/as colegas pesquisadores que estavam realizando antropologia de uma maneira aplicada, em múltiplos formatos e além da academia.

Nesta proposta que nasce uma “pesquisadora das sociedades complexas”, e não por acaso, mergulho na antropologia urbana para pensar estilos de vida, identidades, trajetórias e seus fluxos, tanto simbólicos como corporificados.

Espero que esta proposta de difusão extramuros te impacte, de alguma maneira, possibilitando sentir o que nos amarra como pesquisadoras, a partir destas cartas que integram nossos desejos de expansão do olhar antropológico entre oceanos, culturas e diferenças. Possibilitando com que outros cenários de atuação sejam ampliados a parar da ciência e disciplina da antropologia para os/as antropólogos/as do século 21, do qual, eu, Margret e Eréndira, fazemos parte.

Agradeço ao amigo e colega antropólogo José Abalos Junior por ter me fortalecido a pedir esta oportunidade a nossa mestra Cornelia Eckert e sua editoria na Revista *Illuminuras*. Deixo também registrado a minha honra e coragem ao destemido colega Cauê Fraga Machado, que não está mais em corpo entre nós, mas que em energia nos faz lembrar diariamente o quanto precisamos persistir em nossos sonhos e escrever (sempre) para deixar um legado do que estamos produzindo e realizando. Amigo, de onde tu estiver te convoco a nos orientar, para que nunca percamos a esperança em construir algo novo, apoiados pelos valores sobre a ética antropológica, que nos ajuda a não esquecer que precisamos agradecer o tempo e o espaço privilegiado em que estamos no aqui e agora.

Porto Alegre, 03 de julho de 2025.

Maria Carmencita Job

. . .

CARTA 2. _____

De Vienna, Áustria.



Querida Carmencita,

espero que esta carta te encontre bem.

Escrevo esta carta num belo dia de primavera, início de verão, em meu escritório doméstico em Viena, Áustria. Gostaria de relembrar nossa breve história de trabalho conjunto, a fim de apresentar ao público este dossiê que demonstra o valor da criação de redes para além das fronteiras.

Sem saber, você - antropóloga brasileira e eu, austríaca, tínhamos algo em comum: ambas mantemos podcasts que evidenciam a competência da antropologia para o mundo. Iniciei meu projeto, o podcast *Igdra Space*, em parceria com Nora Engelbert (antropóloga alemã), em setembro de 2024, e enviei a informação para a Soraya Fleischer. Na época, eu não sabia que ela coordenava a iniciativa *Rede Kerekere*, que reúne pessoas no Brasil que produzem podcasts.

Conheci a Soraya em 2007, quando fazia a pesquisa de campo para o meu doutorado em Belém do Pará, durante uma conferência de antropologia em Aracajú. Talvez ela nem saiba, mas salvou minha vida ao organizar um grupo de trabalho sobre

violência durante o trabalho de campo. Até então, eu sofria em silêncio com a violência urbana em Belém. No grupo, todos compartilhamos nossos medos; aquilo salvou minha pesquisa – eu estava prestes a deixar o Brasil para voltar para casa. Sou eternamente grata por isso.

Mais tarde, Soraya me adicionou ao grupo da *Rede Kerekere* no aplicativo *WhatsApp*, onde pessoas que produzem podcasts no Brasil trocam informações. Assim, nos conhecemos melhor: recebi sua mensagem com alegria, pois criar novos contatos e estabelecer redes sempre me anima e, além disso, é uma de minhas principais competências. Iniciamos então uma conversa por mensagens escritas e áudios, e posteriormente marcamos uma primeira reunião. Como você estava em Barcelona naquele momento, foi bem mais fácil encontrar um horário conveniente para ambas, sem o desafio do fuso horário e do oceano que nos separa atualmente. Para nos conhecermos melhor, trocamos histórias sobre nossas trajetórias profissionais e descobrimos que a paixão pela antropologia aplicada nos une. Nada melhor do que um objetivo comum para estabelecer uma nova conexão. Mais uma vez, tenho que agradecer à Soraya – igualmente capaz de reunir pessoas e construir redes para além das fronteiras. Obrigada, Soraya!

(Sim, claro, facilita o fato de eu falar português e adorar comunicar-me em sua língua, embora isso também depende das personalidades envolvidas.)

Acredito que posso afirmar que nos identificamos e combinamos de realizar gravações para ambos os podcasts: para o seu *Desbravadoras* e para o nosso *Igdra Space*. A primeira gravação para o seu podcast ocorreu em Novembro de 2024, resultando em uma hora e meia de conversa muito prazerosa. Falamos sobre diversos temas: você me pediu para descrever meu campo de trabalho, a situação em meu país, além de abordar meus métodos e novos desenvolvimentos. Fazer isso em uma língua estrangeira representa um desafio, mas é um dos que mais aprecio – se me convidarem, falo sobre tudo!

O que foi inicialmente estressante e depois engraçado, e talvez você nem tenha percebido, foi o fato de você formular perguntas muito longas: fazia uma pergunta e acrescentava contexto. Precisei tomar notas para conseguir responder adequadamente. Ao final da gravação, percebi que havia deixado de responder uma das perguntas, simplesmente porque havia esquecido. Espero que os ouvintes não tenham notado esse

detalhe. Essa troca foi extremamente rica; o formato do seu podcast permite discussões profundas e um verdadeiro mergulho no tema.

Semanas depois, gravamos o episódio para o nosso podcast. O objetivo era diferente: nosso público-alvo são, em primeiro lugar, profissionais da indústria, a quem queremos apresentar as oportunidades que a antropologia aplicada pode oferecer ao seu universo. Nosso segundo público são estudantes de antropologia, para que possam vislumbrar possibilidades de carreira fora da academia. Nossos episódios têm no máximo 30 minutos e pedimos aos/as convidados/as que tragam um exemplo de sua área, o qual aprofundamos, seguido de uma reflexão sobre como a antropologia pode beneficiar determinado campo. Esses momentos são sempre de aprendizado para mim, enquanto entrevistadora. Assim, pude conhecer melhor o seu trabalho e aprender como você gerencia com sucesso sua empresa, a [Oxi]gênio, há tantos anos. Seu episódio foi ao ar em março deste ano e espero que tenha recebido boas críticas e que novos contatos tenham surgido.

Receber o convite para trabalharmos juntas neste dossiê foi uma honra e um desafio. Quero destacar que trabalhar fora da academia significa que esse tipo de atividade não faz parte do meu trabalho remunerado, tampouco recebo créditos formais por isso. Encontramos, no entanto, uma boa solução para realizar esse trabalho em conjunto – agradeço a sua flexibilidade e também à Erendira!

Ter projetos de coração, além daqueles que pagam nossas contas, é algo que traz felicidade. Não podemos aceitar todos os convites, afinal, o dia tem apenas 24 horas, mas podemos escolher aquilo que nos alegra.

Quero encorajar os/as estudantes de antropologia a ler este dossiê pensando na diversidade dos campos de vida (e de trabalho). E convido profissionais da antropologia e de outras áreas, dentro e fora da academia, a lerem este dossiê como um convite a se inspirar nas diversas formas de contribuir com nosso conhecimento científico, metodológico e teórico para melhorar o mundo. Somos privilegiados por termos recebido uma educação de alto nível; cabe a nós contribuir para um amanhã melhor para todos e todas neste planeta – afinal, temos apenas um.

Carmencita, deixo aqui minha mensagem, com a esperança de que nosso trabalho em conjunto continue atravessando oceanos e inspire outras pessoas a realizar iniciativas semelhantes.

PS: Gostaria de compartilhar aqui mais um link para quem tiver interesse em ler, pois o texto reflete sobre outro tipo de trabalho que desenvolvo como antropóloga que fala português, geralmente quando recebo convites específicos: o trabalho de intérprete em eventos e ocasiões especiais, nos quais minha competência linguística é requisitada.

Em 2019, tive o prazer de interpretar e moderar um evento cultural na Áustria, centrado na arte e na cultura brasileira. Interpretar consultas conduzidas por uma mulher xamã da região amazônica trouxe-me um conflito interno após o trabalho, o que me levou a refletir profundamente sobre essa experiência posteriormente: <https://thepolyphony.org/2022/03/04/reflections-on-being-the-voice-of-a-brazilian-shaman-in-austria/>

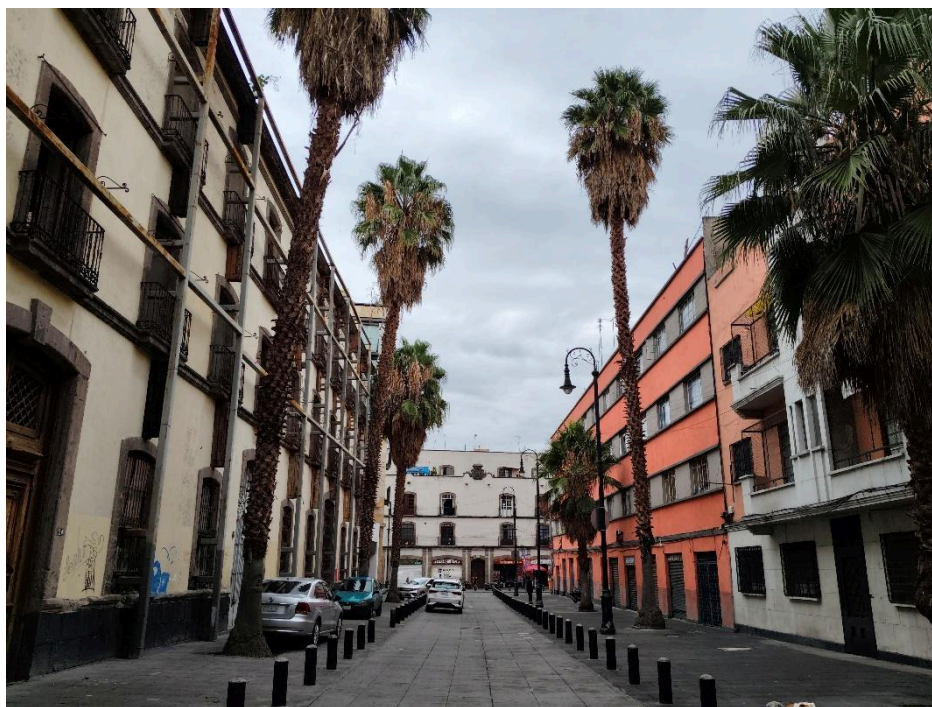
Vienna, 15 de junho de 2025.

Um abraço, Margret.

. . .

CARTA 3. _____

Desde el México.



En marzo de 2024, en uno de los múltiples salones de la Universidad de Rosario, Argentina donde se llevaba a cabo el VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA), tuve la fortuna de encontrarme con Carmencita, una antropóloga brasileña interesada en las propuestas y el ejercicio de las y los antropólogos un poco alejados del quehacer académico y más cercanos a la antropología aplicada. El simposium titulado “De lo formativo a lo aplicado. Campos de la práctica antropológica contemporánea” nos permitió compartir diferentes experiencias y vivencias en el campo laboral, y si bien quienes estuvimos presentes ejercíamos nuestro trabajo en diferentes espacios desde la iniciativa privada, ONG’s, independientemente, en la docencia o acompañando procesos de defensa del territorio de pueblos y naciones originarias en distintos países del Abya Yala, lo que nos unía era nuestra formación antropológica y el cómo nos aproximamos a diversos temas, situaciones, retos, problemáticas y proyectos con una mirada crítica, analítica y reflexiva.

Lo que comenzó como un simposium académico, pronto se convirtió en una catarsis colectiva, pues quienes nos dedicamos a la antropología aplicada (desde cualquiera de sus posibilidades), solemos ser cuestionados y criticados por la antropología “pura” o académica, se polemizan las metodologías, se nos exige un sustento teórico y propio, se pone en duda la ética y calidad antropológica de nuestro labor e incluso se cuestionan los tiempos en que esta investigación se lleva a cabo. Pareciera que aún no se ha entendido que las metodologías simplemente son más variadas y flexibles que antropología “pura”, pero se mantiene el rigor para obtención de datos de calidad.

Al igual que el trabajo académico, teóricamente se tiene el respaldo de los diferentes postulados teóricos de la antropología en general, quizá la diferencia radica en que, al relacionarnos con otras disciplinas y público no especializado, debemos presentar la información en un lenguaje asequible y entendible para nuestro público, colaboradores, abogados, jueces, contratantes y clientes, nos toca traducir el lenguaje especializado en lenguaje coloquial.

Sin duda, una de las variaciones más obvias son los tiempos de trabajo de campo, de análisis y entrega de resultados, y aunque desde la academia se han equiparado la larga duración con la calidad, sabemos que esto no es necesariamente cierto y el tiempo no está relacionado con la calidad. Siempre hay otras formas de ser y hacer antropología. Es de destacar, que los trabajos que se generan desde lo académico también son fundamentales para que desde la antropología aplicada se realicen investigaciones de calidad en los tiempos establecidos, la producción bibliográfica generada desde la academia es fundamental para nosotros, especialmente para quienes se dedican a los peritajes. La antropología “pura” y la aplicada existen para complementarse, no para confrontarse.

Tras las conversaciones del simposium quedo asentada la necesidad de entablar diálogos interdisciplinarios, así como compartir experiencias y reflexiones desde diferentes latitudes. Hay países con una larga trayectoria en peritajes, como México, Brasil, Ecuador y Chile, mientras que Argentina se encuentra en proceso de desarrollo y consolidación; así mismo, países como Colombia, México y Brasil han incursionado desde hace varios años en la investigación de mercados y UX; estos mismos países han desarrollado diversidad de talleres con los diferentes pueblos y naciones originarias en

sus territorios, con la finalidad de mejorar su calidad de vida, frecuentemente con la intención de mantener sus sistemas internos y de organización tradicional.

Escuchar las voces de diferentes latitudes, me hizo saber que mis vivencias como académica periférica en México eran compartidas por mis colegas presentes en aquellas conversaciones. Por su parte, la doctora Carmencita tras una escucha atenta y atendiendo a las necesidades planteadas en aquel simposium, se dio a la tarea de impulsar esta publicación. Este es un valioso ejercicio de reunir diferentes voces, experiencias y vivencias, desde diferentes latitudes e instituciones. Es compartir más allá de las discusiones que suelen quedar solo en los salones de clase, es una muestra de que la antropología aplicada no se desvincula de la práctica académica, es un ejercicio que permite darnos cuenta que otras antropologías son posibles, que nuestra profesión no está limitada a los artículos, libros y estantes de bibliotecas, sino que también puede generar cambios en nuestra sociedad, ya sea a gran escala o en cotidiano de las personas.

Los textos aquí presentados son una muestra de que el quehacer antropológico es relevante, es evidenciar que muchas antropologías son posibles y que mientras nuestro quehacer se realice con ética, responsabilidad y congruencia, estas son igual de válidas y necesarias como la antropología “pura”. Aún hay mucho que aprender, aportar y compartir, y desde la ciudad de México se agradecen estos grandes esfuerzos, con la esperanza de que no sea el único, y que permita detonar muchas más conversaciones.

Ciudad do México, dia 24 de junho de 2025

Eréndira.

...

Carta 4.

De Porto Alegre, Brasil.



Estimadas Carmencita, Margret e Eréndira

Estimados leitores e estimadas leitoras deste número temário da Revista Iluminuras,

Vocês me desafiaram a escrever uma carta para marcar este momento tão significativo para a antropologia, de organização de um número temático de revista científica, trazendo muita energia positiva, juventude e preocupação com as novas gerações que estão ou em processo de formação ou buscando nesta área de estudo, um projeto profissional.

Confesso que estou sentada no meu escritório com ambiente congelante. Terei que recorrer a um aquecedor e muita cobertura para que meu pensamento possa fluir e assim prestigiar esta demanda que se torna uma oportunidade de testemunhar um tempo reflexivo de suma importância.

Caros leitores e caras leitoras. Carmencita, Margret e Eréndira são jovens antropólogas preocupadas não somente em encorajar outros/as jovens a abraçar a carreira de antropologia, mas de ampliar a visão sobre as possíveis áreas de atuação profissional de antropólogos e antropólogas que durante muito tempo se limitavam a buscar na academia científica, uma possibilidade de atuar como professores/as e como pesquisadores/as.

A ampliação das questões públicas voltadas para políticas sociais no Brasil (igualmente em outros países) pelo menos nos últimos 20 anos, nos anima a reconhecer a diversidade de carreiras possíveis nesta área de interesse. Não me refiro somente a organismos não governamentais atuando por justiça sociais, por exemplo, mas instituições governamentais, estatais tanto quanto empresas privadas, como espaços que cada vez mais demandam por profissionais com formação em antropologia. Certo, esta tendência precisou, desde cedo, vir acompanhada de um debate sobre o tema da ética profissional e sobre o reconhecimento profissional. Neste interim, a comunidade profissional encontrou na Associação Brasileira de Antropologia, a ABA, uma arena acolhedora para promover as reflexões necessárias e urgentes sobre este tema. Uma comissão de especialistas foi sugerida para liderar esta discussão, promover debates e encaminhar resultados a serem divulgadas no âmbito da ampla comunidade. Esta comissão tem atuado com este propósito e sintam-se convidados/as para se juntarem como associados/as trazendo suas questões e sugestões. Esta associação também recebe antropólogos/as estrangeiros/as que podem contribuir com sua filiação.

O caminho percorrido por profissionais em antropologia fora da academia, não tem sido fácil. De modo geral ainda dependem de concursos públicos para atuarem em ministérios, secretarias, instituições públicas e associações etc. Mas os exemplos de atuação profissional em instituições privadas, em empresas e mesmo startup, com predomínio da atuação em pesquisas, são crescentes. Penso ser muito importante realizarmos um estado da arte destas atuações, com a preocupação de conferir o respeito e atenção aos direitos legais para os atores e para as atoras no desempenho destas funções.

Este número temático da Revista Iluminuras, organizado por estas três lideranças, pode animar e acelerar a urgência da ampliação deste debate divulgando relatos de experiências, de estudos, de trajetórias que configuram um mapa de oportunidades, de conquistas, de reivindicações que aproximam a antropologia do que sempre foi e, esperamos, sempre será, seu maior objetivo, o respeito a diversidade cultural e social, a promoção da solidariedade e dignidade humana, semeando conhecimento com base científica social que como dizem os povos indígenas, nos permitam o bem viver.

Meus agradecimentos a vocês antropólogas comprometidas e votos de sucesso com a repercussão desta revista e, claro, na continuidade de vossas atuações profissionais.

Com carinho

Cornelia Eckert / Chica

Porto Alegre, 3 de julho 2025